

Agricultura Urbana em tempos de Pandemia

Camila Lago Braga

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (UFRGS)

Dentre as características da Agricultura Urbana e Perirubana (AUP) está a sua multidimensionalidade identificada através de uma produção diversificada voltada tanto para a comercialização quanto para o autoconsumo. Portanto, olhar para a AUP neste contexto de pandemia global nos levanta alguns questionamentos quanto ao acesso aos diferentes canais de comercialização, bem como, tocante à segurança alimentar e nutricional através da produção para autoconsumo, sobretudo nas comunidades mais pobres. E as perguntas que nos propomos a discutir são: como a COVID-19 afeta diretamente a Agricultura Urbana? E como a agricultura urbana poderia contribuir em cenários como esse?

Sabemos que os efeitos da Covid-19 em relação à AUP serão sentidos de formas diferentes à depender da cidade, tendo em vista que o Brasil não é homogêneo. Em algumas cidades do nordeste, por exemplo, os agricultores urbanos que acessavam em sua maioria as feiras livres, mercados institucionais e, em menor número, os mercados convencionais - como, por exemplo, as centrais de abastecimentos (CEASA) -, agora se veem dependentes estritamente dos mercados convencionais. Outro destaque é a forte presença de pequenos comércios com vendas de hortifrúti nas cidades, os quais tornam-se uma saída para escoamento da produção dos agricultores locais. Além disso, também existem experiências mais pontuais como a entrega de cestas de alimentos, no entanto, o que foi percebido é que a maioria desses agricultores já participava de alguma rede (universidade, associações, cooperativas, etc.) que facilitou uma transição rápida para este sistema, ou mesmo, já executava essa modalidade de venda - o que parece não ser o caso para grande parte dos agricultores urbanos.

Para o momento presente, é preciso uma atuação mais firme de incentivos a aquisição de produtos locais principalmente pelos pequenos mercados. Quanto aos agricultores com dificuldade de comercialização, faz-se necessária uma urgente reativação e ampliação das políticas de compras institucionais (PAA e PNAE) para garantir uma renda segura aos produtores.

O que apreendemos é que a sobrevivência da agricultura urbana, neste contexto, depende da diversificação dos canais de comercialização, ou seja, aqueles que

conseguem acessar diferentes tipos de mercados, alternativos e convencionais, terão maiores chances de superarem esse momento de crise. Ao contrário, quando há dependência seja às políticas públicas de comercialização ou a um tipo de mercado específico, na ausência destes, os agricultores que não tem outra fonte de renda, podem vir a entrar em uma situação de vulnerabilidade.

Para além dos mercados, devido à facilidade no acesso e às características de diversificação produtiva, a AUP também tem contribuição importante para a segurança alimentar e nutricional das famílias e das comunidades. Aqui geralmente são experiências de agricultura através de hortas escolares, hortas comunitárias ou mesmo pequena produção nos quintais e nos espaços das casas. Principalmente em um tempo de pandemia, produzir parte de seu alimento, contribui para uma alimentação mais saudável e equilibrada, permitindo melhorar a imunidade, evitar outras doenças como anemia e desnutrição e, conseqüentemente, reduzir a insegurança alimentar.

No que concerne ao momento pós-pandemia, fica a lição que deve ser levada à prática, através do incentivo a um maior protagonismo desses agricultores no abastecimento das cidades e no acesso a diversos canais de comercialização; da necessidade de políticas públicas consistentes e regulares; e do incentivo à produção intraurbana para o autoconsumo.